

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

Experiências de Crianças sobre Gratidão

Andressa Carvalho Prestes

Trabalho de Conclusão de Curso

Porto Alegre, 2015

Experiências de Crianças sobre Gratidão

Andressa Carvalho Prestes

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Psicóloga, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lia Beatriz de Lucca Freitas.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Porto Alegre, 2015

Agradeço à Lia, pela confiança depositada em mim nos últimos cinco anos; aos meus pais, que investiram na educação dos filhos, apesar das dificuldades; e ao meu namorado, Diogo, e aos meus amigos, pelo apoio em todas as horas. Vocês me ensinaram muito mais do que se pode colocar em um currículo.

Sumário

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Apresentação.....	7
Introdução.....	8
Desenvolvimento da Gratidão.....	10
A que as Crianças são Gratas?.....	11
A Possível Influência do Benfeitor.....	13
Experiências de Vida em Foco.....	14
Método.....	16
Participantes.....	16
Procedimentos.....	16
Resultados.....	17
Discussão.....	21
Considerações Finais.....	25
Referências.....	26
Anexo – <i>Gratitude Interview</i> – versão em português.....	30

Resumo

A gratidão pode emergir quando uma pessoa, o beneficiário, recebe uma boa ação de outra, o benfeitor. Estudos indicam que essa virtude pode ser desenvolvida desde a infância, gerando benefícios às pessoas e à sociedade. Para tanto, é preciso conhecer a realidade das crianças, isto é, suas próprias experiências em relação ao tema. Assim, este estudo visa analisar a forma como as crianças experienciam gratidão, investigando-se de que maneira elas compreendem, descrevem e o que sentem e/ou fazem em situações nas quais são beneficiadas por outras pessoas. Participaram do estudo doze crianças de 8 e 9 anos de idade, que responderam individualmente a uma entrevista semiestruturada sobre gratidão. Realizou-se uma análise de conteúdo seguindo o modelo misto de categorização, utilizando-se o *software* NVivo 10 para Windows. Os dados indicam que as crianças geralmente retribuem as boas ações recebidas, embora possa haver certa variação na expressão da gratidão frente a benfeitores distintos. Constatou-se que a sala de aula pode ser um contexto fértil para a manifestação da gratidão. A discussão dos resultados indica questões para futuras pesquisas e fornece material para estudos e programas educativos a serem realizados com crianças.

Palavras-chave: gratidão; desenvolvimento; crianças; virtudes.

Abstract

Gratitude may arise when a person, the beneficiary, receives a good action from another, the benefactor. Studies suggest that this virtue may be developed from childhood onwards, creating benefits for people and society. In order to attain this it is necessary to understand children's reality—that is, their own experiences relevant to the topic. This study therefore aims to study the ways in which children experience gratitude, investigating how they understand, describe, and feel and/or do in situations in which they are helped by other people. Twelve 8- to 9-year-old children participated in this study, responding individually to a semi-structured interview about gratitude. A content analysis, using the mixed model of categorization, was conducted, using the NVivo 10 software package for Windows. The data indicate that the children generally repaid the good actions they had received, although there was variation in the expression of gratitude depending on different types of benefactors. The classroom could be a fertile context for the expression of gratitude. The discussion of the results points to questions for future research and provides material for studies and educational programs that could be conducted with children.

Keywords: gratitude; development; children; virtues.

Apresentação

Este estudo é mais um produto da minha participação no Lapege, Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética, que já dura quase cinco anos, acompanhando a trajetória de minha graduação. Os projetos de pesquisa e extensão do grupo, junto à professora Lia Freitas e aos demais colegas, contribuíram amplamente para meu crescimento como futura psicóloga, por desenvolverem habilidades como conduzir entrevistas, apresentar trabalhos, redigir textos científicos e trabalhar em equipe. Isso porque, independentemente da condição de Iniciação Científica, sempre senti que minhas ideias eram acolhidas sem distinção perante os membros do grupo, delegando-se a mim tamanho espaço e credibilidade que culminaram em importantes trabalhos e publicações. Fatores como esses fizeram da escolha por este Trabalho de Conclusão de Curso um caminho natural e bem justificado.

Durante esses anos, tive a oportunidade de acompanhar o projeto da Gratidão e do Materialismo em Crianças e Adolescentes desde o início, isto é, do estudo piloto à redação de artigos científicos. Acompanhar, nesse sentido, significou estar presente na adaptação dos instrumentos, nas árduas coletas de dados nas escolas, no tratamento destes dados e na submissão de artigos às revistas científicas – processos que, eu arriscaria dizer, só se aprendem na prática. Ainda que o projeto não esteja esgotado, observar seus frutos tem sido gratificante e, portanto, a escolha da temática da gratidão em crianças não foi imparcial. Pelo contrário, ela traduz a minha crença na importância do tema, algo que aprendi com nossos estudos, somada ao sentimento de agradecimento pelo apoio e pela confiança da equipe em mim depositados. Além disso, as entrevistas que embasam este trabalho foram realizadas majoritariamente por mim, aspecto que, tendo em vista o desafio de se coletarem dados com crianças, traz um sabor especial ao fechamento da minha graduação.

Introdução

Para compreender o desenvolvimento da gratidão nos seres humanos, é preciso tomar as crianças como sujeitos e, mais do que isso, abrir espaço para que elas narrem suas próprias vivências envolvendo essa virtude. Assim, este trabalho se propõe a analisar brevemente o que a literatura tem indicado sobre a gratidão das crianças – como, quando e a quem agradecem – para, em seguida, atentar para o que as suas próprias experiências têm a contribuir com o assunto.

A gratidão pode emergir quando uma pessoa, o beneficiário, recebe uma boa ação (presente, favor ou ajuda) de outra, o benfeitor. Bonnie e de Waal (2004) construíram um modelo explicativo da gratidão na forma de um ciclo: em primeiro lugar, o benfeitor presta uma boa ação ao beneficiário, que experiencia um sentimento positivo ao recebê-la. Além disso, o beneficiário associa esse sentimento ao benfeitor, reconhecendo os custos da sua ação e atribuindo a ele boas intenções. Devido a isso, o beneficiário torna-se grato não apenas pelo benefício ou pela ação realizada, mas sim à própria pessoa do benfeitor, sentindo uma espécie de dívida em relação a ele. Assim, quando possível, o beneficiário buscará retribuir àquele que o ajudou, concluindo uma volta do ciclo e dando origem a outra.

Antes de Bonnie e de Waal (2004), Piaget (1965/1973) já havia proposto que o beneficiário não atribui valor somente à boa ação recebida, mas também à pessoa que a realizou. Para o autor, é devido a isso que emerge uma dívida psicológica em relação ao benfeitor e, conseqüentemente, um sentimento – a obrigação moral – de que deve lhe retribuir a generosidade. Suas ideias demonstram, portanto, que as trocas sociais não ocorrem de maneira fortuita, mas sim que existem padrões a que elas geralmente obedecem. Contudo, Bonnie e de Waal (2004) indicam que o ciclo nem sempre se completa: o beneficiário pode apenas fazer uma retribuição, mecanicamente, sem experimentar satisfação pela ação recebida. Ademais, o beneficiário pode não valorizar o benfeitor, admirando apenas o benefício ou a ação generosa, o que não levaria ao sentimento de dever retribuir. Assim, ao sentir apenas a alegria pela boa ação, a pessoa permaneceria na etapa de natureza egoísta do ciclo (Baumgarten-Tramer, 1938). Com base nos três autores, Freitas, Silveira e Pieta (2009a, 2009b) criaram a hipótese de que tais ciclos alternativos poderiam explicar o desenvolvimento da gratidão na infância, até se alcançar a gratidão genuína – a totalidade do ciclo –, e a corroboraram com dados de pesquisa.

Neste estudo, compreende-se a gratidão como uma virtude moral, isto é, uma disposição para agir e pensar de determinada maneira e que promove a natureza social e cooperativa do ser humano (Tudge & Freitas, 2015). Isso difere, por exemplo, de considerá-la uma emoção agradável diante das boas coisas ofertadas pela vida, como apreciar o pôr do sol ou gozar de boa saúde (Wood, Froh, & Geraghty, 2010). Porém, ainda que a literatura forneça diversas definições para a gratidão (Gordon, Musher-Eizenman, Holub, & Dalrymple, 2004; Pieta & Freitas, 2009), há um consenso a respeito dos benefícios relacionados a ela, como maiores níveis de felicidade e índices mais baixos de depressão e estresse (e.g., McCullough, Tsang, & Emmons, 2004). Além disso, a gratidão é tida como uma ferramenta de coesão social (Baumgarten-Tramer, 1938), à medida que cria laços entre as pessoas e incentiva o comportamento pró-social entre elas (McCullough, Kilpatrick, Emmons, & Larson, 2001).

Estudar a gratidão torna-se também relevante por ser esta uma forma possível de contrabalançar o materialismo (e.g., Froh, Emmons, Card, Bono, & Wilson, 2011; Lambert, Fincham, Stilman, & Dean, 2009), entendido como apreço aos bens materiais. Sabe-se que o consumo exagerado desses bens constitui um problema sério ao nosso planeta (Jackson, 2009), e danos aos jovens também têm sido evidenciados: crianças e adolescentes que valorizam os bens de consumo parecem ter menor autoestima (Chaplin & John, 2007), assim como se mostram mais ansiosos e menos felizes (Kasser, 2005), quando comparados àqueles menos materialistas. Além do materialismo, nossa cultura atual tem enfatizado o hedonismo e o individualismo (La Taille & Menin, 2009; O'Dougherty, 2002), que dificultam a construção de uma sociedade baseada em respeito mútuo e justiça (Freitas, Pieta, & Tudge, 2011). Tendo em vista que ser grato implica a noção de conservação no tempo, contrariamente ao imediatismo hedonista, e significa reconhecer a própria vulnerabilidade e dependência, é de se supor que a gratidão também atue na contramão desses valores. Assim, estimular as crianças a serem gratas mostra-se importante em nível individual, promovendo o seu bem-estar, e em nível social, contribuindo para a sustentabilidade em nosso planeta e para o aprimoramento das relações entre os seres humanos.

Com vistas a fomentar a gratidão, porém, é preciso atentar para a forma como ela se constitui no ser humano, compreendendo-a sob a perspectiva de desenvolvimento. Ainda que grande parte dos estudos sobre o tema seja conduzida com adultos (Freitas et al., 2011), há indícios de que as crianças são capazes de compreender (e.g., Freitas et al., 2009a, 2009b), vivenciar (e.g., Paludo, 2008, 2014) e expressar gratidão (e.g.,

Baumgarten-Tramer, 1938; Freitas, Tudge, Castro, & Prestes, in press; Rava & Freitas, 2013). A partir dessa ideia, é possível presumir que não existe apenas uma, mas sim diversas maneiras de se manifestar gratidão, caracterizando um desenvolvimento desta ao longo dos anos.

Desenvolvimento da Gratidão

Em um estudo pioneiro, Baumgarten-Tramer (1938) perguntou a jovens suíços entre 7 e 15 anos (a) qual era o seu maior desejo e (b) o que eles fariam à pessoa que lhes desse esse desejo. Analisando as respostas à segunda questão, a autora identificou quatro formas de se expressar gratidão, as quais variaram em frequência conforme a idade. A primeira delas, chamada verbal – dizer obrigado, por exemplo –, é geralmente associada à polidez estimulada pelos adultos. No entanto, essa forma não foi encontrada apenas entre as crianças menores; segundo ela, utiliza-se o agradecimento verbal também nas situações cuja profundidade do sentimento não permite ao jovem outras maneiras de expressá-lo. Assim, houve uma frequência semelhante de gratidão verbal em todas as idades (entre 30 e 48%), com exceção dos 72% aos 15 anos. A gratidão denominada concreta consiste em se retribuir com algo que o beneficiário considera bom, mas que não reflete necessariamente os valores do benfeitor. Pode-se pensar que o egocentrismo do beneficiário é responsável por essa tendência, que teve seu auge nas crianças de 8 anos (51%) e foi pouco frequente nos jovens de 12 a 15 (6%). A gratidão conectiva, por outro lado, aparece com mais frequência a partir dos 11 anos de idade e supõe a criação de um elo entre o beneficiário e o benfeitor. Além disso, a retribuição escolhida leva em consideração a perspectiva do agente da generosidade. Por fim, a gratidão chamada finalística aparece nos casos em que o beneficiário retribui a boa ação por meio de uma valorização do favor recebido, com vistas a mantê-lo. Um exemplo seria retribuir um emprego recebido através da pontualidade e do empenho na tarefa. Baumgarten-Tramer não expôs a frequência dessa forma de gratidão em sua amostra, mas a caracterizou com base em respostas de adolescentes de 14 anos.

Freitas e colaboradores (2011) conduziram estudo semelhante com 430 jovens de 7 a 14 anos de Porto Alegre. Constatou-se um decréscimo na frequência de gratidão concreta com o aumento da idade, bem como um acréscimo da forma conectiva. Um aumento na gratidão verbal foi verificado analisando-se cada idade, mas, ao se dividirem os dados em duas faixas etárias (7-10 e 11-14 anos), isso não foi confirmado estatisticamente. Recentemente, Freitas e colegas (in press) replicaram esse estudo abarcando também a análise da primeira questão (ou seja, “O que tu mais queres?” e “O

que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?”) e possíveis relações entre as perguntas. Destacam-se os seguintes resultados: (a) com o avanço da idade, os valores hedonistas (busca de ganhos imediatos, como objetos materiais, dinheiro, viagens de lazer e turismo) e a gratidão concreta diminuíram; (b) não houve aumento da gratidão conectiva; (c) valores hedonistas foram associados à gratidão concreta; e (d) valores relativos ao bem-estar de outros (benefícios a outras pessoas, à sociedade ou ao planeta) não se relacionaram à gratidão conectiva. Esse estudo traz contribuições importantes pelo fato de pôr em voga uma questão fundamental: a relação entre o desenvolvimento da gratidão e os diferentes eventos que as crianças e os adolescentes valorizam.

A que as Crianças são Gratas?

Está claro que o ponto de partida para que a gratidão possa emergir é a generosidade do benfeitor, isto é, a boa ação por ele realizada em relação ao beneficiário. Nesse sentido, além das formas de expressão da gratidão, é necessário explorar que tipos de favores ou ajudas são apreciados pelas crianças, ou seja, a que elas atribuem valor. Dessa forma, torna-se possível estimar quais situações são mais favoráveis à manifestação de gratidão por parte das crianças.

Gordon e colaboradores (2004) realizaram um estudo exploratório nos Estados Unidos questionando às crianças a que elas são gratas. Por meio de análise de conteúdo, eles identificaram 18 temas nos relatos de 348 crianças de 4 a 12 anos. O tema mais frequente foram os membros da família, constando em dois terços das respostas. O segundo mais frequente diz respeito a necessidades básicas (38%), seguido dos amigos (26%) e dos professores e da escola (23%). Dividindo-se as crianças em dois grupos etários, verificou-se que as crianças maiores (9-12 anos) referem mais gratidão às pessoas (familiares, amigos, professores, etc.) do que as menores (4-8 anos), que citaram com mais frequência objetos materiais. Para os autores, os dados podem ser um reflexo da diminuição do egocentrismo, bem como do aumento da valorização das relações interpessoais, conforme o desenvolvimento.

Prestes, Castro, Tudge e Freitas (2014) buscaram responder o que crianças e adolescentes mais valorizam e se esses valores sofrem mudanças com o avanço da idade. Para tanto, trezentos e noventa e seis participantes de 7 a 14 anos, da cidade de Porto Alegre, responderam à questão “O que tu mais queres?”, gerando três categorias de valores: (a) hedonistas (ganhos imediatos, como objetos materiais, dinheiro e atividades recreativas), (b) relativos ao próprio bem-estar (benefícios pessoais a serem

alcançados no futuro, tais como bem-estar psicológico, sucesso escolar e ambição profissional) e (c) relacionados ao bem-estar de outros (benefícios que incluem outras pessoas, sejam parentes ou amigos, seja a sociedade ou o planeta como um todo). Verificou-se um declínio linear na proporção dos valores hedonistas com a idade, bem como um aumento na proporção dos valores relativos ao próprio bem-estar. Quanto aos valores relacionados ao bem-estar de outros, não houve mudança estatisticamente significativa. Para o presente estudo, importa reconhecer que as crianças menores revelaram maiores índices de desejos ligados à satisfação imediata e ao materialismo. Na faixa dos 10 anos, conforme a pesquisa, objetivos de médio e longo prazo parecem ser incluídos nas escalas de valores das crianças, ao lado do apreço pelos ganhos momentâneos.

Outro estudo com amostra brasileira deu suporte à ideia de que os valores se modificam em função da idade. Através de entrevistas clínicas piagetianas, Souza, Folquito, Oliveira e Natalo (2008) analisaram, entre outros aspectos, as respostas de 33 crianças de 5 a 10 anos quanto às características que elas admiravam em personagens de determinados contos de fadas. Formaram-se quatro categorias de análise, variando de um nível denominado concreto – como respostas que valorizavam atributos físicos dos personagens ou objetos materiais de posse dele – até um nível abstrato – cujas respostas demonstravam admiração por qualidades imateriais (como a coragem e a esperteza), contendo inferências que não se prendiam à narrativa do conto. Constatou-se que as crianças de 10 anos valorizaram mais os aspectos que envolviam maior abstração e inferência do que aquelas das faixas etárias de 5-7 e de 8-9 anos. Os autores discutem que, ao mesmo tempo em que avançam as capacidades cognitivas, avança também a habilidade da criança em realizar escolhas afetivas e expressar seus valores de forma mais clara, desvinculando-se da esfera concreta e da perspectiva egocêntrica.

Portanto, ainda que o valor esteja presente desde as primeiras trocas entre a criança e o ambiente (Freitas, 2003), a formação de sistemas de valores e a hierarquização destes em uma escala ocorrem ao longo do desenvolvimento humano. A adolescência, nesse sentido, parece ser uma fase que se destaca, já que permite uma maior socialização e, conseqüentemente, mais reflexão e questionamento sobre os valores aprendidos dos pais e professores (Prestes et al., 2014). Portanto, é de se esperar que as crianças tendam a atribuir mais valor às coisas materiais e concretas em detrimento daquelas que exigem maior descentração e noção da durabilidade do tempo (Prestes et al., 2014; Souza et al., 2008).

A Possível Influência do Benfeitor

Feitas as considerações sobre os eventos valorizados pelas crianças, resta avaliarmos outra parte relevante do ciclo da gratidão: o benfeitor. Os modelos explicativos de Bonnie e de Waal (2004) e de Piaget (1965/1973) se assemelham ao enfatizar que o beneficiário valoriza também a pessoa que lhe prestou ajuda, para além da boa ação recebida. Sendo este uma figura importante na ação de agradecer, é plausível pensar-se que a gratidão varia de acordo com o benfeitor.

Um fator a ser levado em conta é o vínculo que a criança mantém ou não com o benfeitor previamente à boa ação. McCullough e colaboradores (2001) indicam que a gratidão tende a ser mais elaborada quando envolve pessoas de quem não se esperaria benevolência. Assim, o beneficiário mostra-se menos grato em relação a pessoas próximas a ele do que a pessoas mais distantes, indicando que os atos generosos passam despercebidos quando realizados por alguém que geralmente os faz. A condição hierárquica também exerce influência: a boa ação de uma autoridade, por exemplo, normalmente recebe uma gratidão mais sofisticada do que a de um amigo. No entanto, McConnell (1993) argumenta que, com familiares ou amigos, outros aspectos entram em cena, como o amor e a amizade. Em outras palavras, ainda que tais elementos possam deixá-la menos notória, não significa que a gratidão se faz menos presente. Pelo contrário, a gratidão parece ser requerida na amizade infantil: ao reprovarem a falta de retribuição de um favor a um benfeitor prévio, as crianças utilizaram a relação entre amigos como uma das justificativas (Freitas, Mileski, & Tudge, 2011). Isso demonstra que as crianças reconhecem, de certa forma, que a ingratidão pode enfraquecer e até mesmo destruir vínculos interpessoais (Emmons & Shelton, 2002).

A tendência infantil em basear os juízos morais no vínculo entre as pessoas parece ser comum a outras virtudes. No trabalho de Alves, Alencar e Ortega (2014), questionou-se a crianças de 6 e 9 anos sobre a possibilidade de se amar um amigo, um inimigo e um desconhecido. Entre as 75% que assumiram a possibilidade de se ter amor por um amigo, 16,7% justificaram sua resposta com base no próprio vínculo de amizade, constituindo um dos argumentos mais relatados. Vale e Alencar (2009), em estudo análogo a respeito da generosidade, obtiveram dado semelhante: para mais da metade dos participantes (de 7, 10 e 13 anos), basta haver o vínculo de amizade para justificar a manifestação de ações generosas. Quanto ao desconhecido, a generosidade das crianças (7 e 10 anos) mostrou-se menos intensa, ao mesmo tempo em que, ao inimigo, a maioria dos participantes optou pela não realização do ato generoso.

McCullough e colegas (2001) também indicam que os recursos com os quais o beneficiário conta para retribuir interferem na expressão de gratidão, o que pode variar frente a benfeitores diferentes. Observando o cotidiano de um orfanato, François (1953) sugeriu que as crianças tendem a ser mais gratas a outras crianças do que aos adultos. A explicação para isso consistiria na equivalência de *status* entre duas crianças, em contraste com a hierarquia existente na interação com pessoas mais velhas. Diante de um adulto, é mais difícil que a criança se sinta potente para recompensá-lo no futuro; no entanto, a relação entre pares propicia o reconhecimento de sua dívida simbólica, já que o beneficiário de hoje pode tornar-se o benfeitor de amanhã. Dessa forma, além do vínculo, parecem estar em jogo a idade e a posição do benfeitor em relação à criança.

Na pesquisa de Rava e Freitas (2013), essas ideias tiveram certo suporte empírico. Apresentaram-se aos participantes (de 5 a 12 anos) duas histórias sobre gratidão, cujos enredos diferiam, entre outros aspectos, quanto ao benfeitor: uma criança na primeira e um adulto na segunda. As autoras investigaram se o sentimento positivo experienciado pelo beneficiário estava, para as crianças, relacionado (a) ao benefício, (b) à ação generosa do benfeitor ou (c) ao próprio benfeitor. Os entrevistados relacionaram o sentimento positivo ao benfeitor ou à sua ação (e não apenas ao benefício) mais vezes quando este era criança do que quando era um adulto. Além disso, os participantes consideraram mais obrigatória a retribuição na história sobre a boa ação de outra criança do que na do adulto. Freitas e colaboradores (2009b), todavia, não encontraram influência do tipo de benfeitor (adulto ou criança) nos seguintes aspectos: (a) tipo de sentimento positivo do beneficiário, oriundo da boa ação, e (b) relações entre esses sentimentos e o benfeitor (isto é, se os sentimentos referiam-se ao benefício, à ação ou ao benfeitor). Nota-se que os achados a respeito da temática do benfeitor possuem divergências, sugerindo a necessidade de novos estudos. Por ora, os resultados nos convidam a atentar para a possibilidade de a criança reagir de maneiras diferentes diante de benfeitores distintos.

Experiências de Vida em Foco

Estudos como os de Baumgarten-Tramer (1938), Freitas et al. (2011) e Freitas et al. (in press), apesar de serem importantes, visto que acessaram diferentes formas de expressar gratidão, basearam-se no maior desejo das crianças e dos adolescentes. Contudo, restaria incompleto um trabalho educativo que tornasse as pessoas gratas apenas aos grandes feitos. Baumgarten-Tramer (1938) já sustentava a ideia de que as crianças não identificam facilmente as ocasiões nas quais as pessoas podem se sentir

gratas, considerando necessário que se discutissem tais questões com elas. Outras pesquisas (e.g., Freitas et al., 2009a, 2009b; Rava & Freitas, 2013) têm como instrumentos histórias e dilemas cotidianos, mas ainda não abrem espaço para que as crianças expressem as suas vivências.

Alves e colegas (2014) identificaram as experiências das próprias crianças ou de outros como uma das justificativas mais mencionadas para a possibilidade de se amar (ou não) um amigo e um inimigo. Esse resultado dá destaque à influência das vivências na construção dos juízos morais das crianças. Tendo em vista que esse argumento foi mais observado entre os participantes mais velhos (9 anos), os autores sugerem que, à medida que ocorre o desenvolvimento, as experiências passam a ser mais utilizadas pelas crianças para justificarem seus juízos.

As vivências parecem ter destaque semelhante em relação à compreensão de valores pelas crianças. Na pesquisa de Andrade, Camino e Dias (2008), jovens de 5 a 14 anos forneceram descrições dos valores obediência, cooperação, responsabilidade e criatividade, as quais foram classificadas de acordo com o grau de descentração. Observou-se que os participantes menores de 9 anos tiveram suas respostas categorizadas majoritariamente como intrapessoais, isto é, baseadas na percepção imediata e intuitiva ou associadas a situações concretas recentemente vividas. Dos 9 aos 11 anos, a perspectiva alheia passou a ter mais ênfase, ainda que as respostas contemplassem aspectos de todos os níveis. Assim, destaca-se a tendência das crianças, pelo menos até os 8 anos, em compreender valores associando-os às experiências que viveram e sem dar enfoque ao ponto de vista do outro.

Quando se trata de ensinar algo às crianças, compreender a sua linguagem torna-se fundamental, sob pena de se planejarem intervenções em momentos inoportunos ou de forma inadequada (Vale & Alencar, 2008), pois elas nem sempre pensam como os adultos supõem que pensem (Montandon, 2005). Portanto, um projeto que se proponha a encorajar as crianças a serem gratas requer, antes de tudo, esforços para que escutemos a elas próprias, utilizando aspectos oriundos do mundo infantil como um valioso recurso. Além disso, partindo-se das experiências das próprias crianças, torna-se mais fácil instruí-las a reconhecer gratidão naquilo que ela tem de cotidiano, isto é, o reconhecimento das boas ações recebidas no dia a dia. Considerando-se que (a) a gratidão pode ser desenvolvida ao longo dos anos, gerando benefícios às pessoas e à sociedade, e que (b) para promover esse desenvolvimento é necessário conhecer a realidade da infância, este estudo visa analisar a forma como as crianças experienciam

gratidão, com ênfase nas situações vividas por elas, de modo a investigar de que maneira elas compreendem, descrevem e o que sentem e/ou fazem em situações nas quais são beneficiadas por outras pessoas.

Método

Participantes

A amostra deste estudo inclui doze crianças de 8 e 9 anos de idade (nove do sexo masculino), sendo onze de escolas públicas e uma de escola privada de Porto Alegre. Essas crianças foram selecionadas de uma amostra de 396 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos que integraram um estudo mais amplo, em 2012. A fim de aprofundar esse primeiro estudo, realizaram-se entrevistas com alguns participantes dois anos depois.

A escolha desses participantes se deu em virtude de suas respostas a *Wishes and Gratitude Survey – WAGS* (Freitas, Tudge, & McConnell, 2008), um questionário escrito composto por quatro questões. Através de uma análise de conteúdo, as respostas dadas às perguntas “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” e “Há mais alguma coisa que tu deverias fazer para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” foram categorizadas de acordo com as formas de gratidão. Escolheram-se crianças cujas respostas fossem classificadas somente como gratidão concreta (seis) ou somente como gratidão conectiva (seis), a fim de conduzir tais entrevistas.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (protocolo nº 22485). Os participantes foram entrevistados individualmente, utilizando-se uma entrevista semiestruturada (Tudge & Freitas, 2011) (Anexo) a respeito das suas próprias experiências de gratidão. Os dados foram coletados em uma sala da universidade (dez, dentre os doze) ou na residência dos participantes, de acordo com sua preferência. Os áudios foram gravados e posteriormente transcritos na íntegra para sua exploração.

Na análise de dados, realizou-se uma análise de conteúdo seguindo o modelo misto de categorização (Laville & Dione, 1999), isto é, partindo-se de categorias já definidas na literatura, mas também as modificando conforme o processo de investigação dos dados. Este procedimento foi conduzido através do *software* NVivo 10 para Windows. As unidades de análise consideradas foram as respostas e não os participantes, tendo em vista que as crianças mencionaram, por vezes, mais de uma resposta à mesma questão.

Para fins de análise, as entrevistas foram divididas em três blocos e, dentro de cada um desses, os conteúdos foram divididos em temas. Os seguintes passos foram realizados para cada bloco: (a) leitura do bloco, em cada entrevista; (b) recorte das respostas em unidades de análise; (c) reunião dos dados em temas; (d) categorização das respostas, dentro de cada tema; (e) revisão crítica das categorias, fazendo-se os devidos ajustes; e (f) consulta a uma segunda juíza para dissolver as dúvidas de categorização.

Resultados

A partir das entrevistas realizadas, buscou-se prioritariamente identificar quais são as experiências das crianças relacionadas à gratidão, investigando-se de que maneira elas entendem e como agem nas situações em que são beneficiadas por outras pessoas. Os dados obtidos serão apresentados através da divisão nos três blocos da entrevista e nos diferentes temas que eles abrangem, ilustrando as categorias com trechos dos diálogos, quando necessário.

1. Bloco I – Situações semelhantes. Refere-se a episódios similares aos das histórias sobre gratidão (Rava & Freitas, 2013) anteriormente narradas aos participantes no decorrer do estudo. A primeira história envolve uma criança que recebe ajuda da tia para encontrar seu animal de estimação desaparecido, e a segunda história inclui empréstimos de objetos entre colegas na escola. Na análise dos dados deste bloco, encontraram-se os seguintes temas: (a) situações, (b) respostas internas e (c) retribuições.

As situações referidas pelas crianças contemplaram três temáticas: (a) empréstimo de objetos (82%), (b) partilha de lanche e (c) restituição de um objeto perdido. Todos os benfeitores em questão eram colegas de aula dos entrevistados, sendo que alguns nomearam colegas específicos e outros citaram mais de um colega ou todos os colegas: *“Todo mundo às vezes me ajuda, me empresta as coisas na escola”* (M – 8;11)¹. Apenas duas crianças responderam que nenhuma situação semelhante às das histórias havia ocorrido com elas.

Quanto às respostas internas provocadas pelas situações, a maioria das crianças mencionou sentimentos positivos (“feliz”, “bem”), totalizando 54% das respostas. Uma criança relatou um sentimento negativo (“triste”), mas não soube explicar por que o vivenciou. Um menino respondeu que se sentiu “agradecido” (M – 8;4), e outro

¹As informações entre parênteses indicam o sexo do participante (M = masculino ou F= feminino) e sua idade, sendo o primeiro número os anos completos, e o número subsequente, os meses. Os trechos em itálico são falas dos participantes; os demais foram ditos pelo(a) entrevistador(a).

forneceu a seguinte resposta: “*Eu devia emprestar uma coisa pra ele*” (M – 9;1). Um participante disse que sentiu algo, mas não soube dizer o que era, e outro respondeu que não sentiu nada. No que se refere às respostas internas relacionadas especificamente ao benfeitor, quatro respostas envolveram a amizade, uma citou “agradecido” e uma mencionou o dever de retribuir: “E tu sentes alguma coisa pelo Paulo? [*Acena que sim*] O que é que tu sentes? *Que eu devo emprestar alguma coisa pra ele*” (M – 9;1). Duas crianças não souberam nomear o que sentiram. Em relação à possível mudança de sentimento pelo benfeitor após a situação, a maioria dos entrevistados (70%) disse que não houve modificação. Um participante citou como mudança o dever de ajudar: “Depois que ele te ajudou, depois desse dia que ele te emprestou o lápis, tu começou a pensar alguma coisa diferente? Sentiu alguma coisa diferente por ele? [*Acena que sim*] O quê que foi? *Que eu tenho que ajudar ele a fazer alguma coisa. Quando ele não consegue fazer, eu ajudo ele*” (M – 9;1); outro citou a amizade: “E tu sentiu alguma coisa diferente por elas depois que elas te emprestaram a primeira vez? *Sim. Sim?* O que, como? *Eu senti que elas me emprestaram as coisas porque são minhas amigas*” (F – 9;2).

Tratando-se das retribuições, metade das crianças disse já ter retribuído o benfeitor, sendo a maioria através de empréstimo de material escolar e uma através da ajuda na conquista de uma menina: “*É que eu tenho dois amigos que tão apaixonados pela mesma gurria, daí eu tô ajudando ele [o benfeitor] a fugir do meu outro amigo que tá atrás dele*” (M – 9;4). Os demais entrevistados afirmaram a intenção de fazer algo pelo benfeitor se houver oportunidade, embora uma menina tenha dito que “*Dependeria se fosse algo que seria fácil de mim fazer pra ajudar ela*” (F – 9;1). As retribuições, nesses casos, seriam emprestar objetos para o benfeitor ou presentear-lo. Duas crianças responderam que não sabiam o que iriam fazer ao benfeitor. Vale citar a fala de uma criança a esse respeito: “E se é alguém que não te empresta, tu empresta também? *Empresto igual*” (M – 8;11).

2. Bloco II – Coisas boas da vida. Diz respeito aos eventos bons que acontecem na vida dos participantes. Esse bloco contempla os temas: (a) frequência, (b) coisas boas, (c) benfeitores, (d) respostas internas e (e) retribuições.

Metade dos participantes respondeu que coisas boas acontecem com frequência alta em suas vidas. Quatro disseram que coisas boas ocorrem às vezes, e uma criança disse que acontecem poucas vezes. Um participante não soube responder à questão. A maioria das coisas boas mencionadas (88%) pode ser classificada como de cunho

hedonista, isto é, coisas relacionadas ao próprio prazer momentâneo, tais como brincar, jogar *videogame*, ver televisão, ganhar brinquedos e passear. Duas respostas fogem a esse padrão: um episódio de ajuda de um colega - “*Eu tinha me esquecido meu caderno na escola (...) O Guilherme (...) disse pra mim que tinha levado o meu caderno pra casa dele, porque na minha escola tinha todo mundo da tarde que às vezes roubavam coisas das pessoas da manhã*” (M – 8;10) -; e a companhia da irmã - “*Que eu tava torcendo pra ter uma irmãzinha e eu tive, só que ela começou a ser ruim comigo. Aí agora ela tá sendo boa comigo e eu tô sendo bom com ela, quando ela é boa comigo. E eu acho isso uma coisa boa, que me deu muita sorte pra eu não ficar sozinho*” (M – 9;4). A maioria das crianças (83%) mencionou pais e familiares como seus benfeitores. Duas crianças citaram colegas, e uma citou também os amigos.

Neste bloco, os sentimentos positivos também predominaram (“feliz”, “bem”) no tema das respostas internas, somando 54% dos dados. As demais respostas foram: (a) sentir-se “agradecido” (M – 8;4); (b) valorização do benfeitor: “E quando essas pessoas (...) fazem alguma coisa que tu gosta, como tu te sente em relação a elas? *Sinto que elas são legais*” (F – 9;2) e “E como é que tu se sente quando ele te deixa jogar no *iPod*? *Acho que uma... Acho uma coisa legal dele*” (M – 8;10); (c) intenção de ajudar o benfeitor: “*Me sinto (...) à disposição. Qualquer coisa que eles precisem, eu vou ajudar eles, quando eles precisarem*” (M – 9;4) e “E quando a tua mãe faz alguma coisa boa, que tu gosta, pra ti, como é que tu te sente em relação a ela? *Coisas boas. Como assim? Me fala um pouco mais disso. Fazer alguma coisa pra ela. O que ela tem que fazer, daí eu faço pra ela*” (M – 9;1); e (d) “amizade” (M – 8;10).

Algumas crianças deram justificativas para as respostas internas que mencionaram. Classificaram-se essas justificativas em três categorias: (a) ação do benfeitor, por exemplo: “*Porque tão me dando alguma coisa*” (M – 8;11) (três ocorrências); (b) benefício, por exemplo: “*Porque eu gosto de passear*” (M – 9;2) (duas ocorrências); e (c) pessoa: “*Porque ele é meu pai*” (M – 8;10) (uma ocorrência).

Quanto às formas de retribuição citadas pelas crianças (sejam já feitas ou hipotéticas, se houvesse oportunidade), utilizaram-se as mesmas categorias de estudos anteriores (Baumgarten-Tramer, 1938; Freitas et al., 2011; Freitas et al., in press; Tudge, Freitas, Mokrova, Wang, & O’Brien, 2015): (a) gratidão verbal (dizer obrigado; 8%), (b) gratidão concreta (dar presente, dar abraço; 23%) e (c) gratidão conectiva (ajudar nas tarefas domésticas, ser bom com o benfeitor ou defendê-lo: “*Quando a professora xingou ele, eu disse que não foi ele que tinha deixado o meu caderno*

também. E também, quando a professora começou a xingar ele, ele ficou triste, então eu ajudei ele, eu disse pra professora que não foi ele” (M – 8;10); 38%). Três crianças responderam que não sabiam o que iriam fazer pelo benfeitor, e outra ainda disse que não faz nada em retribuição.

3. Bloco III – Boa ação de um desafeto. Contempla uma situação hipotética em que o beneficiário possui certa inimizade com o benfeitor. Esse bloco inclui os temas: (a) respostas internas e (b) retribuições.

Quanto às respostas internas, os participantes atribuíram sentimentos positivos à criança da situação hipotética, em sua maioria – “feliz”, “bom” e “*Uma coisa legal*” (M – 8;7) –, somando 75% das respostas. As demais respostas foram: (a) sentir-se “agradecido” (M – 8;4) e (b) valorização do benfeitor: “*Ela sentiu que ela não era tão ruim assim pra ela*” (F – 9;1) e “*Achava que ele era legal*” (M – 8;10). Cinco crianças justificaram a resposta interna do beneficiário: três, com base na ação do benfeitor – por exemplo: “*Porque a outra menina fez uma coisa boa pra ela*” (F – 9;1) –, e dois, com base na possível intenção de amizade do beneficiário, como no exemplo “*Porque talvez o guri gostava dele. Porque eu acho que ele gostaria de ser amigo dele*” (M – 9;2).

Em termos de retribuições, as respostas foram classificadas, novamente conforme a literatura (Baumgarten-Tramer, 1938; Freitas et al., 2011; Freitas et al., in press; Tudge et al., 2015), em: (a) gratidão verbal (dizer obrigado; 27%), (b) gratidão concreta (emprestar objetos, dar presentes, fazer um bolo; 20%) e (c) gratidão conectiva (ajudar o benfeitor - ex.: “*Ajudar alguma coisa que ele necessita muito*” (M – 8;11); 33%). Três respostas não foram contempladas nas categorias acima, pelos seguintes motivos: (a) falta de clareza; (b) incompreensão da pergunta: “*Ela devia aceitar a ajuda*” (F – 9;1); e (c) a criança respondeu que não sabe se faria algo ao benfeitor. Ainda sobre esse assunto, convém citar a justificativa de um participante: “*Ajudar o outro que ajudou ele... Por quê? Porque ele ajudou. Ajudou, e é bom também ajudar os outros. Ah, é bom ajudar os outros. Mas só quando os outros te ajudam ou não? Ou sempre? Sempre*” (M – 8;11).

Apesar de não haver perguntas sobre uma possível mudança na visão do beneficiário sobre o benfeitor, algumas crianças fizeram considerações a respeito disso. Três crianças disseram que houve mudança: “*Eu acho que ele ficou feliz, mas agora eu acho que ele começou a gostar do guri que ele não gostava*” (M – 8;10); “*Eu pensaria que ela não era tão ruim assim quanto eu pensava que ela era. Não pensaria tão grande, mas eu pensaria que ela não é ruim. Que ela não seria ruim por causa que eu*

acho que ela é ruim” (F – 9;1); e *“Só achei que ele fosse pra chato pra legal”* (M – 8;10). Por outro lado, um participante disse que não iria haver diferenças diante do benfeitor: *“Será que tu ia te sentir diferente com esse menino? Igual, eu acho”* (M – 8;11).

Discussão

As experiências de vida parecem ter relevância no que tange ao desenvolvimento moral das crianças (Alves et al., 2014; Andrade et al., 2008) e à sua educação como um todo (Montandon, 2005). Assim, neste trabalho, buscou-se investigar o que as experiências de gratidão das próprias crianças poderiam acrescentar ao estudo sobre o desenvolvimento dessa virtude. Mais especificamente, explorou-se a maneira como as crianças compreendem, descrevem e o que sentem e/ou fazem em situações nas quais recebem boas ações de outras pessoas.

Um resultado que pode passar despercebido relaciona-se à própria evocação de situações de gratidão pelas crianças. Tanto em relação às Situações semelhantes quanto às Coisas boas da vida, as crianças foram capazes de citar eventos nos quais reconhecem a ajuda alheia e, em grande parte das vezes, prestam retribuições aos seus benfeitores. Esses dados fortalecem a ideia de que a gratidão faz parte do universo infantil, o que vai ao encontro do que sugere a literatura (e. g., Baumgarten-Tramer, 1938; Freitas et al., in press; Paludo, 2008, 2014). No Bloco I, notadamente, a sala de aula desponta como importante cenário para trocas entre crianças. Isso possivelmente se deve à influência de uma das histórias contadas anteriormente aos participantes, cujo enredo inclui o empréstimo de material escolar entre estudantes; apesar disso, a escolha das crianças por esses exemplos pode refletir o caráter cotidiano das trocas nesse ambiente. Outro sinal disso é o fato de que alguns participantes sequer elegeram um benfeitor e/ou uma situação específicos no caso dos empréstimos de materiais, como o exemplo dado: *“Todo mundo às vezes me ajuda, me empresta as coisas na escola”* (M – 8;11). Essa também é, possivelmente, a razão pela qual 70% dos participantes, no Bloco I, indicam que não há mudança no sentimento vivenciado por eles em relação ao benfeitor.

No Bloco II, quando as questões se desprendem das histórias narradas antes, os eventos lembrados pelas crianças são qualitativamente distintos. Foram consideradas boas coisas hedonistas e concretas, majoritariamente, como ver televisão, passear e ganhar brinquedos, de modo semelhante a outros estudos (Prestes et al., 2014; Souza et al., 2008). Pela via do desenvolvimento, entende-se que as crianças costumam valorizar

bens materiais e imediatos em detrimento daqueles mais abstratos e duráveis – os valores virtuais –, que seriam paulatinamente integrados nas escalas de valores dos jovens (Piaget, 1954). Mesmo as respostas que não correspondem a essa tendência (ganhar uma irmãzinha e ser ajudado pelo colega) relacionam-se ao bem-estar individual da criança, o que pode refletir sua tendência egocêntrica (Souza et al., 2008). Portanto, uma análise integrada dos blocos I e II sugere que, apesar de receberem gentilezas cotidianas, as crianças não as têm em mente da mesma forma como os objetos materiais e o prazer momentâneo. Assim, quando o objetivo é fomentar a gratidão nas crianças, talvez seja um passo essencial fazê-las reconhecer os benefícios diários como parte positiva da vida.

Enquanto os bons eventos foram prontamente relatados, as respostas internas parecem ter gerado mais dificuldade aos participantes – isto é, perguntas a respeito do que sentiram ou sentem nessas ocasiões. Desse modo, no lugar de se obterem sentimentos propriamente ditos, muitas crianças responderam de outras maneiras – ainda que reconhecessem certos mecanismos envolvidos na gratidão, não foram capazes de nomeá-los com a mesma destreza de um adulto. São exemplos disso os seguintes trechos: (a) “O que é que tu sentes? *Que eu devo emprestar alguma coisa pra ele*” (M – 9;1), em que se vê certa obrigação em retribuir; (b) “*Me sinto (...) à disposição. Qualquer coisa que eles precisem, eu vou ajudar eles, quando eles precisarem*” (M – 9;4), que demonstra o compromisso em retornar a ajuda recebida no decorrer do tempo; e (c) “E como é que tu se sente quando ele te deixa jogar no *iPod*? *Acho que uma... Acho uma coisa legal dele*” (M – 8;10), que indica a valorização do próprio benfeitor.

O sentimento não justificado de tristeza, mencionado por um menino nas Situações semelhantes, também pode ser lido por essa ótica. Em pesquisa recente com crianças (Castro, Rava, Hoefelmann, Pieta, & Freitas, 2011), verificou-se uma única resposta que fugia ao padrão das demais, sobre a qual o participante igualmente não soube argumentar. No entanto, as boas ações referidas suscitaram predominantemente sentimentos positivos, como visto em outros estudos (Rava & Freitas, 2013; Freitas et al., 2009b). Nesse sentido, os dados que não incluíram nenhuma resposta interna do beneficiário, embora pareçam constituir mais a exceção do que a regra, são compreensíveis à medida que se considera a provável dificuldade dos participantes em nomear sentimentos e estados subjetivos. A utilização da palavra “agradecido” por um deles, em vez de “grato”, é mais uma mostra de que o vocabulário pode ter interferido

nas respostas. Por tudo isso, destaca-se a relevância de se dispor de metodologias adequadas à linguagem das crianças, tanto na pesquisa quanto nas práticas educativas.

As justificativas de alguns participantes sobre as respostas internas referidas (nos blocos II e III) parecem corroborar a hipótese de Freitas e colegas (2009a; 2009b), que inferem que os ciclos mais elementares de gratidão (Bonnie & de Waal, 2004) poderiam descrever o desenvolvimento dessa virtude na infância. Pesquisas sobre a relação entre o sentimento positivo do beneficiário e o benfeitor (Rava & Freitas, 2013; Freitas et al., 2009a; 2009b) sugerem que as crianças menores tendem a ligar tal sentimento ao benefício ou à ação generosa recebida, e não à pessoa do benfeitor. Além disso, na presente amostra, mesmo os participantes que não mencionaram nenhum sentimento ou resposta interna ao receber boas ações disseram que fariam ou tinham feito alguma retribuição ao benfeitor. Em outras palavras, parece que algumas crianças retribuem ao benfeitor de maneira automática, mas não motivadas pela alegria experienciada após o favor recebido.

Com efeito, retribuir as ações generosas parece ser algo comum entre as crianças, sejam essas ações realizadas por pessoas do seu convívio, familiares e colegas – nas Situações semelhantes e nas Coisas boas da vida –, ou por inimigos – na Boa ação de um desafeto. No bloco das Situações semelhantes, todas as crianças que citaram eventos como os das histórias disseram que fariam ou já haviam feito algo em agradecimento. Nesse sentido, a menina que diz que “*Dependeria se fosse algo que seria fácil de mim fazer pra ajudar ela*” (F – 9;1) aproxima-se dos argumentos de François (1953), pois a retribuição parece estar condicionada à capacidade sentida pela criança de fazer algo bom para o benfeitor. Logo, em se tratando dos pares, o empréstimo de materiais aparece como alternativa viável para a retribuição, sendo a mais citada pelos participantes deste estudo.

Por outro lado, quando se pergunta sobre as Coisas boas da vida, algumas mudanças fornecem pistas sobre a influência do benfeitor na gratidão das crianças. Em vez dos colegas, os familiares assumem a primeira posição como benfeitores, o que indica que se espera benevolência de sua parte. Ademais, embora a maioria dos participantes tenha dito que faria (ou faz) algo em troca, surgiram neste bloco (a) a gratidão verbal, em 8% dos casos; (b) uma resposta sobre não fazer nada em retribuição; e (c) uma ocorrência a mais (em comparação ao Bloco I) de não saber como retribuir. Apesar da amostra pequena, esses dados vão ao encontro da literatura ao sugerir que pode ser mais difícil, na visão infantil, prestar retribuições a um benfeitor adulto

(Françoís, 1953), ou menos necessário, se for um familiar (McCullough et al., 2001) – por isso a gratidão verbal, que pode refletir apenas polidez. Porém, nas demais respostas do Bloco II, verificam-se sinais de que as crianças são gratas aos seus familiares, como a sua valorização (considerá-los “legais”, por exemplo) e a gratidão de forma conectiva (ajudar nas tarefas dos adultos, por exemplo). Isso parece corroborar a ideia de McConnell (1993), isto é, que a gratidão aos benfeitores afetivamente próximos pode ser menos notória, mas se faz presente.

Além do vínculo familiar, a amizade perpassou os dados deste estudo. Nos blocos I e II, ela aparece como resposta interna das crianças em relação a quem lhes ajudou; já no Bloco III, algumas crianças entendem que a generosidade de um desafeto pode revelar o seu interesse em ser amigo do beneficiário. Assim, para os participantes, uma boa ação pode ser o ponto de partida para a construção de laços entre as pessoas, bem como para a mudança no julgamento que se tem sobre elas. Além disso, destacam-se duas falas relacionadas a esse assunto: (a) “E se é alguém que não te empresta, tu empresta também? *Empresto igual*” (M – 8;11); e (b) “Ajudar o outro que ajudou ele... Por quê? *Porque ele ajudou. Ajudou, e é bom também ajudar os outros. Ah, é bom ajudar os outros. Mas só quando os outros te ajudam ou não? Ou sempre? Sempre*” (M – 8;11). Embora já se saiba que as crianças experienciam generosidade (Vale & Alencar, 2009), cabe investigar, por exemplo, em que medida uma ação se justifica pela obrigação moral de retribuir a um benfeitor prévio ou pela tendência generosa do beneficiário. Futuros estudos podem elucidar de forma específica quais as relações entre a generosidade e a gratidão.

No entanto, cabe indicar uma comparação entre virtudes, no que se refere à presença ou ausência de vínculos. Em estudos análogos, Vale e Alencar (2009) e Alves e colegas (2014) sugeriram que as crianças costumam justificar a expressão de generosidade e de amor, respectivamente, com base na amizade; por outro lado, poucas crianças admitiram a possibilidade de manifestar essas virtudes a um inimigo. No presente estudo, diferentemente, apenas uma criança disse não saber se faria uma retribuição nessa situação (sem justificar sua resposta), e duas não tiveram suas respostas analisadas; ou seja, a maioria das crianças parece considerar digno de retribuição mesmo um inimigo. É claro que retribuir nem sempre significa ser genuinamente grato (Rava & Freitas, 2013; Castro et al., 2011); ainda assim, vale explorar se essa é uma tendência comum entre as crianças, como forma de melhor caracterizar a manifestação de gratidão na infância.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscou-se investigar o que as situações reais das próprias crianças têm a acrescentar sobre o desenvolvimento da gratidão no ser humano. Constatou-se que a sala de aula pode ser um contexto fértil para a expressão dessa virtude entre crianças, as quais parecem geralmente retribuir as boas ações recebidas, independentemente de quem as realizou. Ainda assim, foi verificada certa variação na expressão da gratidão frente a benfeitores distintos, algo que ainda requer investigações. O estudo também atentou para o fato de que, quando se trata de crianças, sua linguagem e capacidade de expressão precisam ser levadas em conta.

Todavia, devem-se mencionar as limitações deste estudo. Em primeiro lugar, no que diz respeito à amostra, as idades das crianças (faixa etária restrita) reduzem o alcance das inferências possíveis em comparação a uma perspectiva transversal ou longitudinal. Além disso, alguns imprevistos alteraram o cronograma do projeto e, por consequência, o segundo estudo (incluindo as entrevistas aqui analisadas) foi realizado dois anos após o primeiro. Provavelmente por isso, o número de participantes ficou reduzido, devido à dificuldade em contatá-los. Atualmente, em novo projeto sobre a gratidão, nossa equipe buscou contornar essas dificuldades: coletaram-se os dados por meio de instrumentos escritos e realizaram-se, a seguir, em um curto espaço de tempo, entrevistas individuais com alguns participantes, os quais se dispuseram a participar da segunda parte do estudo. Outra limitação refere-se à análise de dados, que não buscou relacionar as respostas de um mesmo sujeito. Tal procedimento poderia auxiliar na compreensão de possíveis padrões nas experiências das crianças, tornando a investigação mais complexa e mais próxima da realidade.

No entanto, atribui-se a relevância deste trabalho à oportunidade de dar mais voz aos sujeitos participantes, isto é, deixá-los mais livres para expressarem suas histórias sobre gratidão. Embora estudos exploratórios requeiram maiores esforços de análise, a riqueza dos dados justifica a sua escolha, possibilitando também direcionar as pesquisas subsequentes. Assim, uma contribuição do presente trabalho é a possibilidade de se utilizarem as situações evocadas pelas próprias crianças na formulação de vinhetas ou histórias em futuros estudos, como forma de atingir o objetivo de aproximar-se de seu universo e de seu cotidiano. Mais do que isso, espera-se que esses dados possam servir de base para a formulação de cartilhas e materiais didáticos que auxiliem pais e professores na educação moral das crianças, integrando a esfera acadêmica e a comunidade.

Referências

- Alves, A. D., Alencar, H. D., & Ortega, A. C. (2014). O juízo de crianças sobre a possibilidade de amar um amigo, um inimigo e um desconhecido. *Psicologia em Revista*, 20(3), 529-548.
- Andrade, M. W. C. L., Camino, C., & Dias, M. G. B. B. (2008). O desenvolvimento de valores humanos dos cinco aos 14 anos de idade: um estudo exploratório. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42(1), 19-27.
- Baumgarten-Tramer, F. (1938). "Gratefulness" in children and young people. *Journal of Genetic Psychology*, 53, 53-66.
- Bonnie, K. E., & de Wall, F. B. M. (2004). Primate social reciprocity and the origin of gratitude. In R. A. Emmons, & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. 213-229). New York: Oxford University Press.
- Castro, F. M. P., Rava, P. G. S., Hoefelmann, T. B., Pieta, M. A. M., & Freitas, L. B. L. (2011). Deve-se retribuir? Gratidão e dívida simbólica na infância. *Estudos de Psicologia* (Natal), 16(1), 75-82. doi: 10.1590/S1413-294X2011000100010
- Chaplin, L. N., & John, D. R. (2007). Growing up in a material world: Age differences in materialism in children and adolescents. *Journal of Consumer Research*, 34(4), 480-493.
- Emmons, R. A., & Shelton, C. M. (2002). Gratitude and the science of positive psychology. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 459-471). London: Oxford University Press.
- François, C. (1953). Réflexions pédagogique sur l'enfant ingrat. *Enfance*, 6, 159-166.
- Freitas, L. B. L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: Um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez.
- Freitas, L. B. L., Mileski, A. Z., & Tudge, J. R. H. (2011). O juízo moral das crianças sobre a ingratidão. *Aletheia*, 34, 6-18.
- Freitas, L. B. L., Pieta, M. A. M., & Tudge, J. R. H. (2011). Beyond politeness: The expression of gratitude in children and adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 757-764. doi: 10.1590/S0102-79722011000400016
- Freitas, L. B. L., Silveira, P. G., & Pieta, M. A. M. (2009a). Sentimento de gratidão em crianças de 5 a 12 anos. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 243-250. doi:10.1590/S1413-73722009000200004

- Freitas, L. B. L., Silveira, P. G., & Pieta, M. A. M. (2009b). Um estudo sobre o desenvolvimento de gratidão na infância. *Revista Interamericana de Psicologia*, 43(1), 49-56.
- Freitas, L. B. L., Tudge, J. R. H., Castro, F. M. P., & Prestes, A. C. (in press). Relações entre desenvolvimento da gratidão e tipos de valores em jovens. *Psico-USF*.
- Freitas, L. B. L., Tudge, J. R. H., & McConnell, T. (2008). The wishes and gratitude survey. Greensboro, NC: Questionário não publicado (Adaptado e expandido a partir de Baumgarten-Tramer, 1938).
- Froh, J. J., Emmons, R. A., Card, N. A., Bono, G., & Wilson, J. A. (2011). Gratitude and the reduced costs of materialism in adolescents. *Journal of Happiness Studies*, 12, 289-302. doi: 10.1007/s10902-010-9195-9
- Gordon, A. K., Musher-Eizenman, D. R., Holub, S. C., & Dalrymple, J. (2004). What are children thankful for? An archival analysis of gratitude before and after the attacks of September 11. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25(5), 541-553. doi: 10.1016/j.appdev.2004.08.004
- Jackson, T. (2009). *Prosperity without growth: Economics for a finite planet*. London: Earthscan Press.
- Kasser, T. (2005). Frugality, generosity, and materialism in children and adolescents: In K. A. Moore, & L. H. Lippman (Eds.), *What do children need to flourish? Conceptualizing and measuring indicators of positive development* (pp. 357-373). New York: Kluwer/Plenum.
- La Taille, Y., & Menin, M. S. S. (Eds.). (2009). *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed.
- Lambert, N. M., Fincham, F. D., Stilman, T. F., & Dean, L. R. (2009). More gratitude, less materialism: The mediating role of life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 4(1), 32-42. doi: 10.1080/17439760802216311
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (L. M. Siman, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- McConnell, T. (1993). *Gratitude*. Philadelphia: Temple University Press.
- McCullough, M. E., Kilpatrick, S. D., Emmons, R. A., & Larson, D. B. (2001). Is gratitude a moral affect? *Psychological Bulletin*, 127(2), 249-266. doi: 10.1037//0033-2909.127.2.249

- McCullough, M. E., Tsang, J., & Emmons, R. A. (2004). Gratitude in intermediate affective terrain: Links of grateful moods with individual differences and daily emotional experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86, 295–309.
- Montandon, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação & Sociedade*, 26(91), 485-507.
- O'Dougherty, M. (2002). *Consumption intensified: The politics of middle-class daily life in Brazil*. Durham, NC: Duke University Press.
- Paludo, S. S. (2008). *Emoções morais e gratidão: Uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de jovens que vivem em situação de risco pessoal e social*. (Tese de doutorado não publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.
- Paludo, S. S. (2014). As emoções no universo moral dos adolescentes. In L. F. Habigzang, Diniz, E., & Koller, S. H. (Eds.), *Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica* (pp. 164-179). Porto Alegre: Artmed.
- Piaget, J. (1954). *Les relations entre l'affectivité et l'intelligence*. Paris: Sorbonne.
- Piaget, J. (1973). *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense. (Original publicado em 1965).
- Pieta, M. A. M., & Freitas, L. B. L. (2009). Sobre a gratidão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 100-108.
- Prestes, A. C., Castro, F. M. P., Tudge, J. R. H., & Freitas, L. B. L. (2014). Desenvolvimento de valores em crianças e adolescentes. *Leopoldianum*, 40(110-2), 25-36.
- Rava, P. G. S., & Freitas, L. B. L. (2013). Gratidão e sentimento de obrigatoriedade na infância. *Psico-USF*, 18(3), 383-394. doi: 10.1590/S1413-82712013000300005
- Souza, M. T. C. C., Folquitto, C. T. F., Oliveira, M. P., & Natalo, S. P. (2008). Relações entre aspectos afetivos e cognitivos em representações de contos de fadas. *Boletim de Psicologia*, LVIII(129), 227-242.
- Tudge, J. H. R., & Freitas, L. B. L. (2011). Gratitude interview. Greensboro, NC: Entrevista não publicada.
- Tudge, J. R. H., & Freitas, L. B. L. (2015, January). *The development of the virtue of gratitude in different societies*. Paper presented at the Varieties of Virtue Ethics Conference, Oriel College, Oxford. Retrieved from <http://www.cds.web.unc.edu/files/2015/02/Paper-Tudge-Freitas-11-29-2014.pdf>

- Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., Mokrova, I. L., Wang, Y. C., & O'Brien, M. (2015). The wishes and expression of gratitude of youth. *Paidéia*, 25(62), 281-288. doi: 10.1590/1982-43272562201501
- Vale, L. G., & Alencar, H. M. (2008). Juízos morais de crianças e adolescentes sobre ausência de generosidade e punição. *Psic: Revista da Vetor Editora*, 9(2), 235-244.
- Vale, L. G., & Alencar, H. M. (2009). Generosidade para com amigo, desconhecido e inimigo: juízos morais de crianças e adolescentes. *Interação em Psicologia*, 13(2), 299-310.
- Wood, A. M., Froh, J. J., & Geraghty, A. W. A. (2010). Gratitude and well-being: A review and theoretical integration. *Clinical Psychology Review*, 30(7), 890-905. doi: 0.1016/j.cpr.2010.03.005

Anexo

Gratitude Interview – versão em português

Tudge e Freitas (2011)

Tu gostaste dessas histórias?

Alguma coisa parecida já aconteceu contigo? Por exemplo, tu perdeste alguma coisa realmente bonita ou importante e alguém te ajudou a encontrá-la? Se “NÃO”, continuar.

Tu lembras de alguma vez que alguém te emprestou alguma coisa que te ajudou? Se “NÃO”, passar à próxima pergunta.

Se “SIM”, o que aconteceu? Como tu te sentiste? Tu tiveste a oportunidade de fazer alguma coisa boa para essa pessoa? Se “SIM”, o que tu fizeste? Se “NÃO”, suponha que tu tenhas a chance de fazer alguma coisa para essa pessoa no futuro, o que tu farias? Tu sentes alguma coisa por essa pessoa? Tu sentiste alguma coisa diferente por essa pessoa depois de ele(a) ter te ajudado?

Coisas boas acontecem contigo com frequência ou poucas vezes? Que tipo de coisas boas acontece? Quem são as pessoas que fazem essas coisas boas para ti? Quando [pessoa citada pelo participante] faz [coisa citada pelo participante] para ti, como tu te sentes em relação a [pessoa citada pelo participante]? Tem alguma coisa que tu tentas fazer para ele(a)? É desta forma que tu normalmente te sentes quando pessoas fazem esse tipo de coisas para ti?

Eu estava falando com um(a) menino(a) mais ou menos da tua idade e ele(a) me contou que um dia um(a) menino(a) de sua turma, de quem ele(a) realmente não gostava, fez uma coisa muito boa para ele(a). O que tu pensas que esse(a) menino(a) sentiu? O que ele(a) deveria fazer? O que tu farias neste tipo de situação?